



O PROJETO DE EDUCAÇÃO DO MST E A ESCOLA DO ASSENTAMENTO SÃO MANUEL

Antonio Martins da CUNHA¹
Rosalina Brites ASSUNÇÃO²

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o discurso do MST sobre uma proposta de Educação Básica para a população dos assentamentos, buscando apreender as relações estabelecidas entre as formações discursivas do movimento e as da Escola Rural São Manoel. Tem como objeto de análise o discurso do MST materializado no texto “Pedagogia do Movimento Sem Terra: acompanhamento às escolas” e o discurso da comunidade escolar da escola do Assentamento “São Manoel”, localizado no município de Anastácio/MS. Trata-se de uma análise do discurso de abordagem analítico-descritiva cujos pressupostos teóricos estão fundamentados na Análise do Discurso de linha francesa, Foucault (2009), Pêcheux (1995), Brandão (2004). A pesquisa foi desenvolvida em dois momentos. No primeiro, fez-se uma pesquisa analítico-descritiva do texto que materializa o discurso do MST. Num segundo momento, realizou-se uma pesquisa de campo na escola do assentamento por meio de questionários e entrevistas com a comunidade escolar, para se confrontar o ideal de educação do movimento, com a educação que é oferecida na escola. Os resultados da pesquisa revelam que a maioria dos professores não conhece a proposta de educação do MST, e que o currículo da escola é organizado de acordo com as orientações da secretaria de Educação do Estado e as do Município.

Palavras-chave: Discurso. Educação. Identidade.

ABSTRACT

This research has as objective to analyze the MST's speech on the proposal for basic education for the population of the settlements, seeking to understand the relations between discursive formations of the movement and the Rural School São Manoel. Its analysis of the object MST speech embodied in the text "Movement of Landless Education: monitoring the school" and the discourse of the school community school of the settlement “São Manoel”, located in the municipality of Anastacio / MS. It is a discourse analysis of analytical-descriptive approach whose theoretical assumptions are based on the French Discourse. Thus, we sought theoretical foundations in scholars such as Foucault (2009), Pêcheux (1988), Brandão (2004). The research was conducted in two stages. At first, it was an analytical-descriptive text that embodies the discourse of the MST. Secondly, there was a field research in the

¹ Graduando em Letras do CPAQ/UFMS. E-MAIL: antoniomartins2014.am@gmail.com

² Professora Doutora do Curso de Letras do CPAQ/UFMS. E-MAIL: rositabrites@hotmail.com



school of settlement through questionnaires, interviews with the school community, to confront the ideal of education that permeates the movement education proposal with the education that is actually offered in school and concern for the construction of identity Landless. The survey results show that most teachers do not know MST's Educational proposal, and that the school curriculum is organized according to the State and City's Department of Education Curriculum Framework.

Keywords : Speech. Education. Identity.

1 INTRODUÇÃO

A Lei nº 9394, de 20 de Dezembro de 1996, que dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, estabelece no seu artigo 3º, inciso I que o ensino deve ser ministrado atendendo-se à “Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”. Dessa forma, a lei propõe que o ensino e o acesso à educação sejam direitos de todo e qualquer indivíduo, independentemente de suas condições sociais e/ou financeiras, defendendo uma educação igualitária que garanta aos educandos a identidade de cidadãos de direito. Ainda segundo a lei, os educandos devem sentir-se valorizados quanto às suas vivências e experiências extraescolares, uma vez que o ensino e a educação têm grande influência na relação escola-trabalho-prática social.

No que se refere à Educação no Campo, a defesa de uma educação igualitária que garanta aos indivíduos a identidade de cidadãos, tem sido alvo de atenção dos movimentos sociais, dentre eles o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que busca em suas lutas e reivindicações uma educação voltada não somente à formação de um cidadão integrado a um grupo social, mas também, à formação de militantes que integrem o movimento e que valorizem a terra e tudo o que a ela se refere.

O MST sempre lutou pela criação de escolas nos próprios assentamentos, usando como um dos fortes argumentos em oposição à educação oferecida na área urbana, o de que o “ensino no meio urbano prepara os filhos do agricultor para sair do assentamento”, enquanto que o ensino “nas escolas dos assentamentos deve preparar o estudante para ficar e transformar o meio rural.” (DOSSIÊ – MST ESCOLA, 2005, p. 233). Ou seja, a educação na escola do campo faz com que os assentados interajam cada vez mais com sua própria cultura, reafirmando assim a ideologia do movimento e fortalecendo também a criação de novas formas de desenvolvimento no campo e a valorização da sua cultura.



Diante do exposto, definimos como objeto de estudos preliminares o *Dossiê MST Escola – 1990 a 2001*, constituído por textos elaborados pelo Setor de Educação do MST, e que apresenta uma proposta de Educação Básica para a população dos assentamentos, “diferente” da educação desenvolvida nas escolas urbanas. Focalizamos nossa atenção mais especificamente para o texto **Pedagogia do Movimento Sem Terra: acompanhamento às escolas**, que integra a coleção de textos e que discute também a questão da construção da identidade do Sem Terra a partir de uma educação assentada nos ideais socialistas.

Assim, estabelecemos como objetivo de nossa pesquisa, confrontar o discurso do MST materializado no texto **Pedagogia do Movimento Sem Terra: acompanhamento às escolas**, com o discurso da comunidade escolar do Assentamento “São Manoel”, com o intuito de averiguar como uma proposta de educação “diferente” está dialogando com o projeto pedagógico desenvolvido na escola para a construção da identidade do homem Sem Terra, como sujeito crítico social, integrado ao seu meio.

Sendo este trabalho uma análise do discurso de abordagem analítico-descritiva, os pressupostos teóricos estão fundamentados pela Análise do Discurso de linha francesa e a questão da identidade apoia-se nos Estudos Culturais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao fundamentar nossa pesquisa nos aportes teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, apoiamo-nos nos estudos de Foucault (2009), Pêcheux (1905). Brandão (2004).

O discurso é concebido, por Pêcheux (1995), como a materialização da ideologia decorrente do modo de organização dos modos de produção, e a presença do sujeito emissor de um discurso é delimitada e determinada pela posição social na qual esse sujeito está inserido. Assim sendo: “O sentido de uma palavra, expressão, proposição, não existe em si mesmo (...), mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo-sócio-histórico em que palavras, expressões, proposições são produzidas” (PÊCHEUX, 1995, p, 160).

Seguindo essa afirmação de Pêcheux, compreende-se que o sujeito é submetido às rédeas de uma sociedade, pois está posto no interior de uma formação discursiva, que por



sua vez está inserida em uma formação ideológica. Segundo Brandão (2004) a noção de formação discursiva, inicialmente introduzida por Foucault (2009), é reformulada, mais tarde, por Pêcheux em 1971, que a introduz no quadro da análise do discurso, em que representa um lugar central da articulação entre língua e discurso.

Ressaltando o conceito de formação discursiva, Foucault diz que “um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto”, (FOUCAULT, 2009, p, 132). Todo enunciado em geral possui um sentido a ser compreendido, e é esse sentido que a AD busca entender e revelar. Os enunciados relacionados em si por proximidades de sentidos constituem o que Foucault chama de formação discursiva, assim:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhantes sistemas de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, posições e funcionamentos, transformações), diremos por convenção, que se trata de uma formação discursiva. (FOUCAULT, 2009, p. 43).

Como a formação discursiva está inserida em uma formação ideológica, esta é a responsável por definir aquilo que o sujeito deve ou não dizer, e quando deve ou não dizer. A formação ideológica é ainda a responsável por fazer com que o sujeito tenha a impressão de ser o dono de seu discurso, quando na verdade ele está apenas representando um papel imposto por sua posição social que é determinada por uma ideologia.

Tendo apresentado os pressupostos da Análise do Discurso que fundamentam este trabalho, passamos agora para a discussão do conceito de **identidade** e para isso, nos debruçamos sobre os estudos de Stuart Hall (2000; 2003), Tomaz Tadeu da Silva (2000) e Kathryn Woodward (2000). Analisando a construção das identidades, Hall (2000) afirma que elas se formam a partir da comparação com outras identidades, e essa comparação surge devido às diferenças ou a oposição existente entre ambas. Para dizer que se pertence a uma identidade e não à outra, é necessário que se negue a outra identidade, e essa negação pode surgir também pela oposição de identidades.

A construção de uma identidade parte do pressuposto de que embora os seres humanos convivam em uma mesma sociedade, eles participam de grupos sociais distintos, influenciados pela posição que ocupam nessa sociedade. Para o autor Tomaz Tadeu da Silva:



A identidade não é essência; não é um dado ou fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tão pouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção [...] (SILVA, 2000, p, 97).

Desta forma, pode-se observar que para o autor a identidade não é algo pronto e imune a novas dinâmicas e alterações, mas sim, algo que está em constante mudança, e a que podem ser agregadas novas identidades, originando assim novos grupos indentityários. Na visão da autora Kathryn Woodward (2000) a identidade se constrói a partir da relação do “eu” com o “outro”. Ora, para a autora “a identidade é marcada por meio de símbolos – aquilo que os homens usam”, ou seja, a construção da identidade é relacional, se permeia pela simbologia e pela sociabilidade. Dessa forma, a relação entre os homens é que enfatiza o surgimento de uma identidade que nega a si mesma a posse daquela outra identidade, seja pela diferença, seja pela exclusão:

A identidade (...) depende, para existir, de algo fora dela: a saber, de outra identidade (...), de uma identidade que ela não é (...) mas que, entretanto, fornece as condições para que ela exista. A identidade é, marcada assim, pela diferença (WOODWARD, 2000, p, 9).

Esse enunciado destaca que a relação entre diferentes identidades se dá por meio de fatores que sustentam o surgimento e a permanência de uma identidade diferente/oposta, seja por meio de posses, capital econômico, classe social, aspectos étnico-raciais, etc.

Nesta perspectiva teórica é que se propões neste trabalho, discutir a questão da identidade na proposta de educação do MST e verificar a possibilidade de construção de uma identidade Sem Terra, num mundo globalizado em que o desenvolvimento tecnológico e, sobretudo, a mídia são os responsáveis pela formação de novas identidades.

2 METODOLOGIA

Para viabilizar os objetivos propostos, esse trabalho foi realizado em dois momentos, sendo que o primeiro baseou-se em pesquisa bibliográfica do referencial teórico e em uma pesquisa analítico-descritiva do texto **Pedagogia do Movimento Sem Terra: acompanhamento às escolas** (DOSSIÊ MST ESCOLA, 2005, p. 235-263), que



materializa o discurso do MST sobre uma “educação diferente” para o homem do campo. Essa análise, da materialidade linguística do discurso pedagógico do MST, teve como finalidade delinear a concepção de educação e de identidade que os sujeitos do discurso se propõem a construir para o homem dos assentamentos.

Num segundo momento, elaboramos um roteiro de entrevista para obtermos informações sobre a história do assentamento e da fundação da escola. Realizamos entrevistas, que foram gravadas em vídeo, com a diretora da escola, com a coordenadora do Ensino Médio e com um de seus fundadores.

Elaboramos também um questionário para ser aplicado aos professores da Escola Municipal Rural São Manoel, buscando averiguar seus níveis de formação, dentre outras informações acerca da ideologia e da proposta pedagógica do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Para a entrevista e aplicação desse questionário, fizemos uma visita à escola que está localizada no Assentamento São Manoel, no município de Anastácio, MS.

Nessa escola, buscou-se verificar como se organizam as atividades pedagógicas ali desenvolvidas, para confrontá-las com a pedagogia defendida no discurso do MST, de modo a averiguar se há uma preocupação dos educadores em conciliar o modelo de educação proposto pelo Estado/Município com o ideal do Movimento rumo à construção de uma identidade coletiva.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Análise do texto – “Pedagogia do Movimento Sem Terra: acompanhamento às escolas”

Nesse texto que integra a coleção *Dossiê-MST-Escola documentos e estudos 1990-2001*, pudemos observar uma preocupação do Setor de Educação do MST, não só com uma proposta diferente de educação básica, mas também com a construção de uma identidade do homem Sem Terra, como se observa no enunciado a seguir:

Ser Sem Terra hoje é bem mais do que ser um trabalhador ou trabalhadora que não tem terra [...] Sem Terra é uma identidade historicamente construída, primeiro como afirmação de uma condição social: sem-terra, aos poucos passa a



ser uma identidade de cultivo: somos Sem Terra do MST! (DOSSIÊ MST ESCOLA: 235).

Analisando a formação discursiva desse enunciado, nota-se que a identidade ‘Sem Terra’ não se impõe como uma conquista individual, mas ela se refere a uma coletividade em que cada sujeito contribui para a autoafirmação de uma condição social do coletivo. Pelo fato de estarem inseridos em um mesmo grupo social, partilhando os mesmos objetivos, essa identidade passa a ser uma identidade coletiva.

Verificamos nesse texto que a identidade do sujeito ‘Sem Terra’, objeto de luta do MST, é como afirma Woodward (2000) “marcada pela diferença”, isto é, uma identidade que se opõe às demais, principalmente àquelas que se destacam por características individuais e capitalistas, como afirma o enunciado do Dossiê:

Essa identidade (Sem Terra) fica mais forte à medida que se materializa em um *modo de vida*, ou seja, que se constitui como *cultura*, e que projeta transformações no jeito de ser das pessoas e da sociedade, cultivando valores (humanistas e socialistas) que se contrapõem aos valores (ou anti-valores) que sustentam a sociedade atual” (DOSSIÊ MST ESCOLA, 2005, p, 235).

Está posto nesse enunciado que os integrantes do MST buscam, na ideologia socialista, uma forma de convencer o seu interlocutor da grande importância dos ideais do movimento: cultivar os valores humanistas e socialistas, a partir da educação como grande aliada. Educação essa que se destaca por vislumbrar questões referentes à terra, e tudo aquilo que dela se pode extrair de forma sustentável e que não prejudique a natureza. Mas, para que isso aconteça “a escola tem que ser diferente, o professor tem que ser diferente, os alunos têm que ser diferentes, tudo diferente” (DOSSIÊ MST ESCOLA, 2005, p, 18).

A diferença, segundo o Setor de Educação do MST, deve começar dentro da própria escola que deve incluir entre os seus objetivos a prática do trabalho com e na terra. Por outro lado, o MST propõe a educação de seus membros a partir da participação nas atividades do movimento, de modo que possam se reeducar como seres humanos. Nesse sentido, podemos destacar um trecho do texto que é objeto de estudo desta pesquisa:

O MST educa as pessoas que dele fazem parte à medida que as coloca como *sujeitos enraizados* neste movimento da história, e vivendo experiências de formação humana que são próprias do jeito de organizar a *participação da luta de classes*, principal forma em que se apresenta o movimento da história. Mesmo que cada pessoa não saiba disso, cada vez que ela toma parte nas ações



do MST, [...] ela está ajudando a construir a *identidade Sem Terra*, a *identidade dos lutadores* do povo e está se transformando, se reeducando como ser humano (DOSSIÊ MST ESCOLA, p. 236).

Esse enunciado aponta para uma formação discursiva própria dos movimentos socialistas que a partir da organização de lutas de classes, aqui a classe dos agricultores sem terra, buscam uma nova ordem social. Para tanto propõe uma concepção de identidade que não é fixa, mas tal como considera Hall (2000) ela pode ser construída. Assim, a identidade definida no discurso do MST, evidencia que o sujeito em si é capaz de modificar a realidade em sua volta, sendo ele transferido de uma condição de objeto para se tornar um construtor de seu mundo.

3.2 Análise dos dados do questionário

Considerando que, para a Pedagogia do MST, a escola dos assentamentos deve olhar para o Movimento como sujeito educativo que precisa dela para ajudar no cultivo da identidade Sem Terra, e na continuidade de seu projeto histórico, buscou-se a partir da aplicação de um questionário aos docentes, verificar como isso se dá na Escola Municipal Rural São Manoel.

O questionário aplicado aos docentes, na segunda fase de nossa pesquisa, teve o propósito de averiguar dados pessoais dos professores: sexo, idade, nível de formação, área de atuação na escola, local de residência, bem como informações sobre seu conhecimento a respeito da proposta de educação do MST, e os critérios abordados na prática pedagógica dentro das salas de aula.

O corpo docente da escola é constituído por 22 professores. Dentre eles 17 responderam ao questionário, sendo que desses, 11 docentes são do ensino fundamental, sob a administração da Prefeitura Municipal, e 6 são do ensino médio, sob a tutela do Estado de MS.

A primeira parte do questionário que trata dos dados de identificação revelou que a grande maioria do corpo docente é do sexo feminino (15 professoras) e apenas 02 são do sexo masculino. Quanto à tabulação das idades, dos 11 professores apenas 02 possuem idade entre 20 e 30 anos, 07 deles tem entre 30 e 40 anos, 06 entre 40 e 50 anos e 02 dos docentes possuem idade acima de 50 anos.



No âmbito da formação acadêmica, dos 17 docentes que responderam ao questionário, 09 possuem curso de graduação, 06 deles concluíram alguma especialização, 01 docente possui apenas o ensino médio, e 01 preferiu não identificar sua formação. Dentre os 11 docentes que trabalham pelo Município, 04 atuam como professores de educação infantil e 07 atuam na educação de ensino fundamental. Os outros 06 professores, que trabalham sob a tutela do Estado de MS, atuam no ensino médio.

Dentre os professores que responderam ao questionário, 05 possuem residência no próprio assentamento São Manoel, 09 deles residem na Zona Urbana (Anastácio e Aquidauana - MS) e apenas 03 deles tem residência em outra comunidade rural, nos arredores do assentamento.

A segunda parte do questionário, que trata sobre os dados do MST e sobre sua proposta para a Educação Básica nas escolas dos assentamentos, apresenta 08 questões cujas respostas são comentadas a seguir.

A primeira questão teve como propósito averiguar o conhecimento dos docentes da Escola sobre a proposta de educação do MST voltada para uma “educação diferente”, fundamentada na Educação Popular de Paulo Freire e na pedagogia soviética de Pistrak e Macarenko. As respostas obtidas revelaram que a maioria dos professores (12) a desconhecem e que os demais (05) conhecem em parte essa proposta de educação.

Questionados sobre o desenvolvimento de um trabalho pedagógico voltado para o campo, 04 professores afirmaram que, embora o projeto político pedagógico da escola não tenha uma disciplina específica sobre o trabalho no meio rural, eles elaboram alguns projetos voltados para a valorização dos produtos do campo. Dentre as 04 respostas apreendidas, apenas um sujeito mencionou as atividades de ensino voltadas para a Educação do Campo, que transcrevemos a seguir:

Mesmo conhecendo e trabalhando em uma escola que é no campo, desenvolvemos só alguns projetos voltados para Educação do Campo, como: frutos do cerrado, produção de leite e horta escolar. No cotidiano dos conteúdos, de acordo com os temas trazemos algumas coisas para a realidade do campo, mas não temos uma disciplina específica para o campo. (SUJEITO 01).

Na terceira questão, inquiriu-se sobre a organização do Projeto Político Pedagógico da escola. Grande parte dos professores (10) afirmou que a escola organiza seu PPP de acordo com as diretrizes de educação para as escolas urbanas do Estado e do Município, e



que apenas no Ensino Médio, há uma disciplina específica para a educação do campo chamada “Eixo temático: terra, vida e trabalho”. Os demais professores (7) afirmaram que a escola não organiza seu PPP de acordo com as diretrizes de educação ou que o organiza em parte.

Solicitados a indicar quais as sugestões que são dadas pelas Diretrizes Curriculares do Estado e do Município para se trabalhar a Educação no Campo, 05 docentes afirmaram que as Diretrizes abordam conteúdos com temas da zona rural e depende do(a) professor(a) adequar isso à realidade dos alunos, desenvolvendo projetos prático-pedagógicos. Os demais professores (12) afirmaram que não há sugestões ou desconhecem se há ou não. Isso demonstra que há um desconhecimento da maioria dos docentes em relação ao que sugerem as Diretrizes Curriculares e ao que colocam em prática em sala de aula.

Quando questionados sobre o Currículo Escolar da escola São Manoel comparado com o das escolas urbanas, a maioria dos professores (13) disse que não há nenhuma diferença entre o ensino ministrado no assentamento “São Manoel” e o ensino ministrado nas escolas urbanas, o que pode haver é uma diferenciação na forma como o professor aplica tal ensino na sala de aula. No entanto, 04 docentes disseram que há sim algumas diferenças entre os conteúdos ministrados, uma vez que no ensino médio da escola do assentamento há uma disciplina específica para se trabalhar educação voltada para o campo. Apesar disso, o currículo escolar é o mesmo tanto para as escolas urbanas quanto para as escolas rurais.

A respeito da participação da comunidade em atividades ligadas ao ambiente escolar, como a horta comunitária, a comemoração de datas cívicas e folclóricas, e jogos interclasses, apenas 06 professores disseram que a comunidade tem participado. Já a maioria respondeu que não existem tais atividades, ou desconhecem a sua existência.

Averiguando o conhecimento da ideologia do MST e as estratégias para o fortalecimento da identidade Sem Terra na comunidade escolar, obtivemos as seguintes respostas: 08 docentes afirmaram que não há nenhuma contribuição da escola para o fortalecimento dos ideais do movimento visando à formação de futuros militantes, 05 responderam que a escola contribui em parte, 03 não se manifestaram e os outros 02 não sabem dizer se há ou não tal contribuição.



A oitava e última questão do questionário versou sobre quais são os objetivos da educação na escola do assentamento. Para esta questão as respostas foram: 06 dos professores afirmaram que o PPP da escola São Manoel oferece uma educação diferenciada, isto é, voltada pela permanência do aluno no campo de forma que tenha condições de cultivar adequadamente a terra e viver do trabalho nela. Os outros 11 docentes responderam que o PPP atende tanto aos objetivos de uma educação diferenciada, quanto aos de uma educação igual a que é desenvolvida nas escolas urbanas, ou seja, uma formação para o trabalho no campo, mas também para a continuação dos estudos em outras áreas.

Em virtude de tais respostas, pudemos constatar que a grande maioria dos professores da escola campo de pesquisa demonstrou não ter conhecimento sistematizado a respeito da proposta de educação do MST, de sua ideologia, de seus objetivos de luta, de seus símbolos e de suas conquistas.

Desse modo, podemos afirmar que os dados coletados na escola do Assentamento São Manoel revelam que a pedagogia do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, a tão sonhada “educação diferente”, ainda não é realidade nesse assentamento por uma série de fatores, dentre os quais, podemos destacar:

- os professores não recebem do MST, nem da Secretaria de Educação do Estado nem da SED do Município a formação específica em consonância com os ideais do movimento;

- as Diretrizes Curriculares oficiais oferecem poucas sugestões para se trabalhar as questões do campo, o que é feito pelos professores do Ensino Médio, embora seja de forma mais teórica do que prática;

- faltam recursos financeiros e recursos materiais para subsidiar os projetos de trabalho prático no campo;

Para o MST, o professor da escola do assentamento deve ter outra função além de oferecer a educação formativa. Ele precisa “conseguir compreender a dimensão educativa das ações do Movimento, fazendo delas um espelho para suas práticas de educação” (DOSSIÊ MST-ESCOLA, 2005, p.241). Desta forma, a missão da escola vai além de formar cidadãos cujo conhecimento seja universal. Ela precisa também atender prioridades que girem ao redor do campo, da agricultura familiar e das atividades rurais ligadas à terra.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as discussões do texto “Pedagogia do Movimento Sem Terra: acompanhamento às escolas”, pudemos concluir que o movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra visa à efetivação de uma reforma agrária associada à organização de uma nova sociedade, com base numa proposta educacional diferente da educação hegemônica desenvolvida nas escolas urbanas. Diferente não apenas no que se refere a questões pedagógicas, mas, sobretudo, nas questões ideológicas, econômicas e sociais dos assentados. Sendo assim, os membros do movimento buscam, para os assentados, novas e melhores condições de vida, que priorizem a educação de forma teórica e prática, de modo que os alunos tenham o conhecimento necessário para trabalhar no campo, pois com a prática, desde cedo eles aprendem a se adaptar às atividades rurais e a manejá-las adequadamente.

Todavia, para que a implantação dessa escola cujo ensino se destaca pelo seu diferencial, tanto os docentes quanto os discentes devem entender que a escola do movimento tem uma intencionalidade educativa voltada para uma transformação no ‘jeito de ser’ dos sujeitos denominados Sem Terra, com uma identidade forjada sob os ideais da pedagogia russa e da educação popular de Paulo Freire.

Entretanto, as respostas às questões propostas no questionário, aplicado aos docentes da escola campo de nossa pesquisa, revelaram que há falta de informação sobre a formação ideológica do MST e, sobretudo, da proposta pedagógica do Setor de Educação. Esse fato impede aos professores da Escola Rural “São Manoel” as condições para contribuir com o fortalecimento dos ideais do movimento, e auxiliar os assentados a modificarem a sua realidade.

Este trabalho pretende trazer uma reflexão sobre a necessidade de se desenvolver, nos assentamentos, uma educação compatível com a realidade da população campesina, de modo a oferecer aos assentados o conhecimento necessário para o cultivo da terra de modo racional e, assim, desenvolver satisfatoriamente um trabalho que lhes permita a subsistência no campo e o sustento digno de suas famílias.



REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 2005. In: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf?sequence3>. Acesso aos 05/12/2014.

BRANDÃO, Helena N. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

DOSSIÊ MST –ESCOLA: **Documentos e Estudos 1990 – 2001**. Caderno de Educação nº 13. Edição Especial. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In SILVA, Tomas Tadeu (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. **A Identidade em Questão: Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2003.

MAKARENKO, Anton S. **Poema pedagógico**. 3 ed. Tradução de Tatiana Belinky. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PECHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pucinati Orlandi et al. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

PISTRAK, M. M. **Fundamentos da escola do trabalho**. Tradução: Daniel Aarão Reis Filho. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

SILVA, Tomas Tadeu (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In SILVA, Tomas Tadeu (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.



ANEXOS

Anexo 1



FRENTE DA ESCOLA PÓLO MUNICIPAL RURAL SÃO MANOEL



CORREDOR ENTRE AS SALAS DE AULA



SALA DE AULA



CANTINA DA ESCOLA



HORTA ESCOLAR